

CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE PESQUISA EM ARTE

MOURA, Carla Borin¹; HERNANDEZ, Adriane².

1. Pós-Graduanda em Artes Visuais, Ensino e Percursos Poéticos, Centro de Artes/UFPeL.

2. Prof^a. D^a. Adjunta, Centro de Artes/UFPeL.

RESUMO

Este texto apresenta uma reflexão acerca do conceito de cartografia no campo da arte, entrecruzando com o da geociência e o da filosofia como pressuposto à investigação em poéticas visuais, apresenta também alguns artistas que usam a cartografia como método de acompanhamento de um campo sensível e como método de apresentação desse percurso.

Palavras-chave: Poéticas Visuais. Cartografia. Metodologia em Artes.

INTRODUÇÃO

O texto que segue advém de um processo reflexivo acerca do conceito da cartografia como metodologia no campo da arte e da filosofia como pressuposto à investigação em poéticas visuais.

Começo conceituando o objeto mapa como um tipo específico de desenho que tem a função de demarcar um lugar (território) ou uma determinada porção do espaço num dado momento e a sua finalidade é a de facilitar a nossa orientação nesse espaço e aumentar o nosso conhecimento sobre ele. O mapa nos mostra uma área de um determinado ângulo, ou seja, é uma imagem desse lugar visto de cima, do topo numa escala bem menor que a real.

Os mapas também podem ser pensados como objetos estéticos, abertos por diferentes métodos, conectáveis e modificáveis, que se prestam a interpretações poéticas, incorporam valores culturais e crenças políticas ao figurarem e reconfigurarem o espaço, como definem Deleuze e Guatarri:

(...) o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social.”(DELEUZE, 1995, p.22).

A cartografia é a ciência que trata da concepção, produção, difusão, utilização e estudo dos mapas. Inventando um mundo e seus lugares, interpretando à sua maneira o espaço, há casos em que ela é aplicada como método de acompanhamento para traçar percursos poéticos, sendo aquilo que força a pensar e ver o todo do processo do artista pesquisador, dando-se como possibilidade de caminho a ser traçado no trabalho, como uma atenção voltada ao processo em curso. Entendendo que o método cartográfico convoca a um exercício cognitivo peculiar do pesquisador, uma vez que, estando voltado para o traçado de um campo problemático, requer uma cognição muito mais capaz de inventar o mundo do que reconhecê-lo.

A cartografia recebe a atribuição de método em Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), este que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. A cartografia atribuída como método, cria seus próprios movimentos, seus próprios desvios. É um projeto que pede passagem, que fala, que incorpora sentimentos, que emociona. É um mapa do presente que demarca um conjunto de fragmentos, em eterno movimento de produção.

Para a Arte, a cartografia é a experimentação do pensamento ancorado no real, é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que emerge do fazer (Kastrup, 2010, p 18), com base na construção do conhecimento e da atenção que configura o campo perceptivo do processo em curso. O sentido da cartografia poética é de acompanhamento de percursos, aplicação em processos de produção, conexões de rede ou rizomas.

A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática um princípio inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real. (DELEUZE, 1995,p.21)

O método cartográfico não tem regras a seguir, é um movimento atencional, concentrado na experiência, na localização de pistas e de signos do processo em curso.

A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO EM ARTES VISUAIS

O método cartográfico é muito utilizado por artistas na Arte Contemporânea, na maneira como organizam e apresentam seus trabalhos, mostrando não só um objeto de pesquisa, mas também, o percurso, os seus desdobramentos e a possíveis redes que a

ele se conectam. A cartografia organiza o processo, reorganizando as ideias, o pensamento do artista pesquisador.

Cartografar é perceber as coisas através da experiência, do deixar vir e trazer isso à Arte de maneira poética.

ARTISTAS QUE USAM O MÉTODO CARTOGRÁFICO

- Duda Gonçalves

Trabalha com cartogravistas, ou seja, uma cartografia de vistas. Segundo a artista o seu método cartográfico não se assemelha aos processos convencionais da cartografia científica, em que os códigos são enunciados em função de uma comunicabilidade universal. Duda compartilha as imagens de céus, vídeos e objetos referentes a céus, que são doadas por diferentes pessoas. Todo esse material doado forma um arquivo poético que envolve compartilhamentos em dispositivos de comunicação artesanal e digital.

Na exposição intitulada Cartogravistas celestes, realizadas em 2006 (Figura 1), foi apresentado o acervo de vistas e objetos celestes. “As vistas foram colocadas em gavetas fixadas às paredes, a disposição das peças tinha como propósito transformar a Galeria numa mapoteca, um arquivo aberto, em que as vistas e objetos guardados estivessem disponíveis aos mais distintos olhares.” (GONÇALVES, 2009).



Figura 1: Eduarda Gonçalves. Gavetas com vistas do céu. Cartogravistas. 2006.
(Fonte: VIII Seminário História da Arte-UFPEl)

- Anna Bella Geiger

O trabalho de Anna Geiger transita pela pintura, desenho, gravura, fotografia, vídeo e publicações, a pluralidade de procedimentos e materiais é uma das principais características do trabalho de Anna, enquanto faz uma crítica a ideia de brasilidade ou identidade nacional, utiliza a cartografia como recurso para problematizar a pretensa correspondência entre fronteiras geográficas e territórios culturais, como foi apresentado na Bienal do Mercosul em 2011(Figura 2).

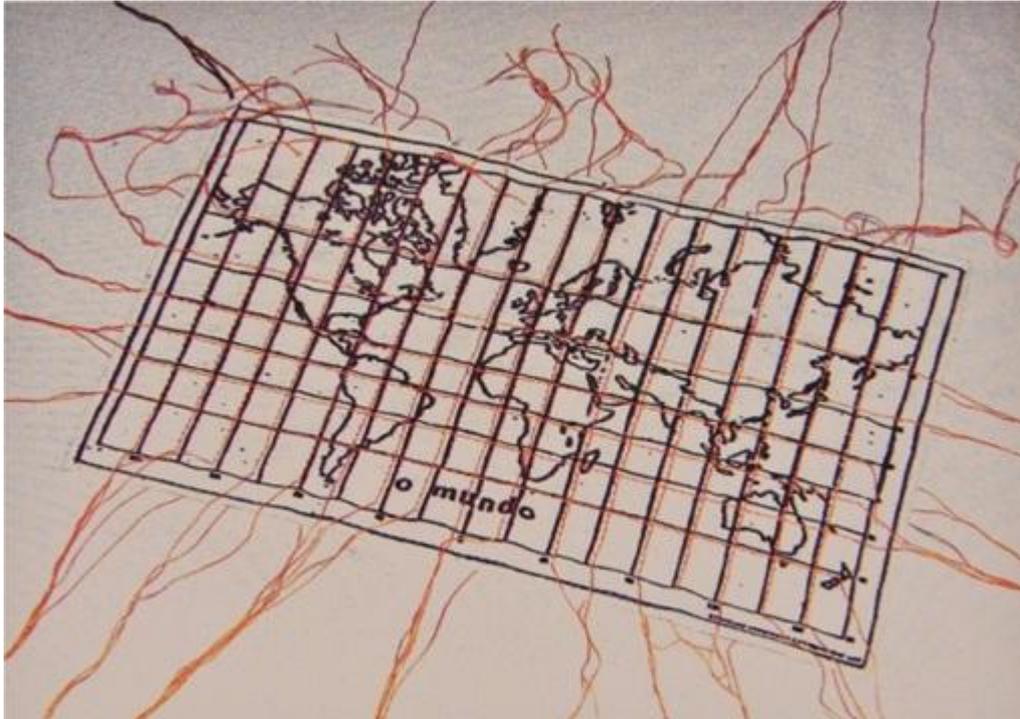


Figura 2: Anna Geiger. Variáveis. Desenho, Serigrafia e Bordado à máquina. 1976/2010.
(fonte:www.bienalmercosul.art.br/artista/207)

- Kelly Wendt

A artista faz da cidade onde mora, Pelotas, a matéria prima para suas fotografias. Trabalha com a relação corpo, espaço e tempo. Em meio a caminhadas pela cidade, deambulações para captura de imagens, realiza um inventário das casas abandonadas de Pelotas. Num trabalho recente com o Grupo Gravadores de rua, fez impressões das tampas de ferro fundido existente nas ruas da cidade. Esse trabalho é um Jogo de Percurso, “Contat O”, em que o espectador pode interagir com as peças (Figura 3). “Este jogo além de ser divertido serve para viver Pelotas imaginária de forma lúdica fomentando os percursos na cidade real” (WENDT, 2012) ¹.

¹ A citação em questão foi retirada de um flyer da exposição do Grupo Gravadores de Rua , no Ágape, espaço de Arte, Kelly Wendt, 2012.

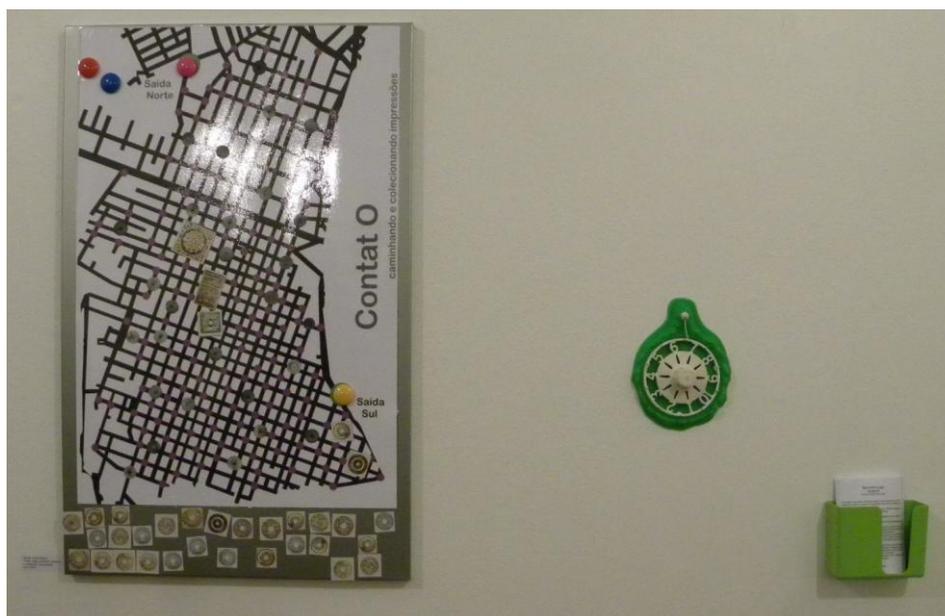


Figura 3: Kelly Wendt. Contat O. Jogo de Percursos. 2012. Fonte: Foto autora.



Figura 4: Kelly Wendt. Cartões Postais. 2009. Fonte: arquivo Kelly Wendt.

Apresentarei alguns trabalhos da minha pesquisa em Arte, utilizarei o método cartográfico para apresentação desses trabalhos, que começou na pintura com impressões de manchas e que foi articulando outros tipos de configurações artísticas como, desenho, objeto, até chegarem à fotografia como procedimento para pesquisar imagens do cotidiano, da cidade, do tempo e da memória. Toda a pesquisa foi percebida a partir da atenção para o processo em curso, de um pensamento provindo do campo da pintura, mas com uma ação aberta, voltada aos desvios, as aproximações, a tudo que me atravessa cognitivamente.

A pesquisa ainda está em processo de acolhimento, de reconhecimento de campo, agora com outro olhar, é um recorte para a cidade, onde o tempo é um indicador para pensar a cidade e suas geometrias, seus desenhos, a sua paisagem.



Figura 5: Carla Borin. Impressão em tela. 2010



Figura 6: Carla Borin. Impressão de Tinta em Papel e Relevo Seco. 2010.



Figura 7: Carla Borin. Desenho/Objeto. Linóleo. 2010.



Figura 8 : Carla Borin. Impressão de Tinta em Papel e relevo seco. 2010.



Figura 9: Carla Borin. Desenho/Objeto. Linóleo. 2010.



Figura 10: Carla Borin. Impressão em tela. 2011.



Figura 11: Carla Borin. Impressão em tela. 2011.



Figura 12: Carla Borin. Fotografia e Intervenção. 2011.

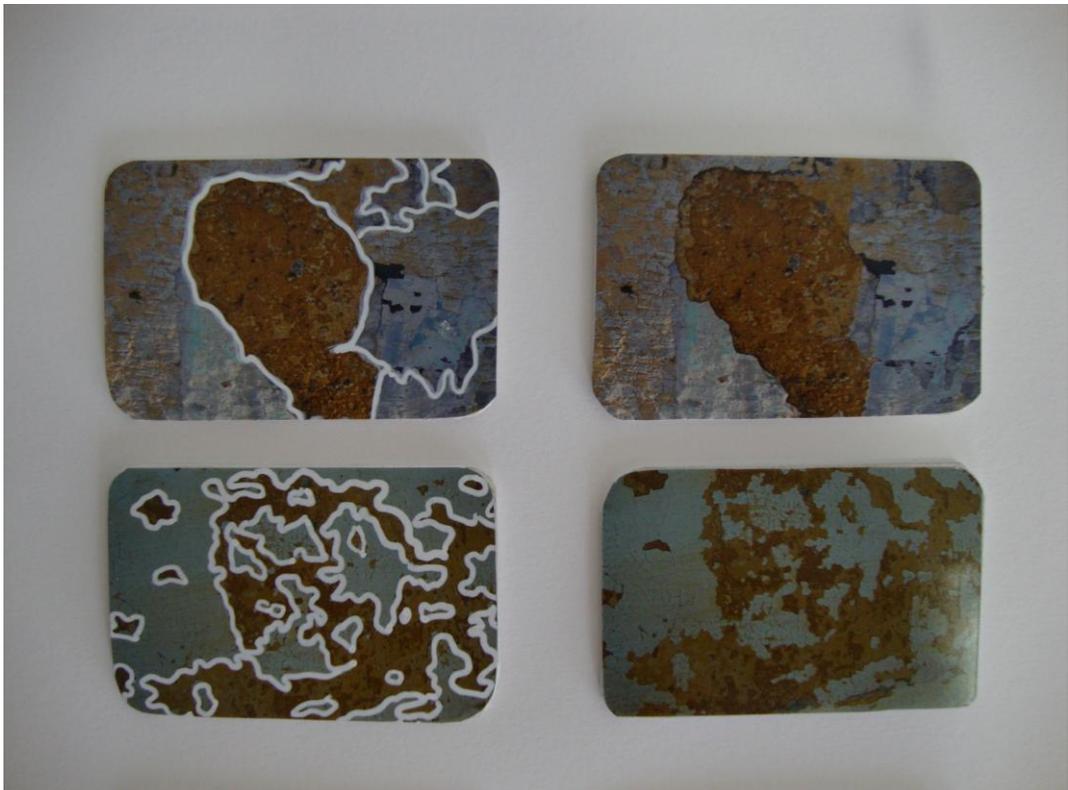


Figura 13: Carla Borin. Fotografia e intervenção. 2011.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo, Companhia da Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção Do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ, Vozes. 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo, SP, Editora 34. 2000.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Editora 34 Ltda. 1998.
- GIANNETTI, Eduardo. **A ilusão da Alma: biografia de uma ideia fixa**. São Paulo, Companhia da Letras, 2010.
- KASTRUP, Virgínia (orgs) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**, Porto Alegre, Sulina, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o Epírito**, Cosac Naify. 2004.
- NAZÁRIO, Luiz; FRANCA, Patrícia (orgs.). **Concepções Contemporâneas da arte**. Belo Horizonte, 2006.
- PONGE, Francis. **Métodos**. Rio de Janeiro. Imago, 1997.
- RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do sensível: estética e política**. São Paulo, Expo Experimental. 2005.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo, Annablume, 2009.
- SOUSA, Edson Luiz André; TESSLER, Elida; SLAVUTZKY, Abrão. **A invenção da Vida: arte e psicanálise**. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2001.
- TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: UFRGS.2002.
- GONÇALVES, Eduarda Azevedo; **Cartogravista: um breve relato acerca de alguns conceitos de cartografia**, VIIIº Seminário História da Arte.UFPel. Pelotas.2009 , disponível em www.ufpel.com.br, acessado em 10/6/2012, 20hs.
- SITE DA 8ª BIENAL DO MERCOSUL, disponível em: <http://www.bienalmercosul.art.br>, acessado em 14/6/2012,18hs.